

## **O início como origem permanente. Um testemunho**

Notas da intervenção de Pier Alberto Bertazzi nos Exercícios de verão dos Memores Domini

La Thuile, 27 de julho de 2014

Há algum tempo, alguns amigos de comunidades da região de Milão convidaram-me para as suas férias e pediram-me para apresentar um dos livros que nos foram recomendados para o verão, ou seja, as entrevistas que *don* Giussani deu a Robi Ronza, primeiro em 1976 e depois em 1986, e que foram republicados nos últimos meses pela Bur (*Il movimento di Comunione e Liberazione 1954-1986. Conversazioni con Robi Ronza*, Bur, Milão 2014). Parece que isto lhes foi útil e alguém - infelizmente! – contou ao Carrón, que me pediu que vos propusesse o que aprendi, como ensinamento para a minha vida, a partir desses episódios que, em boa parte, vivi diretamente. Tentarei fazê-lo tendo presente também aquilo que Aldo Baldini, o nosso grande amigo *Memor Domini* recentemente desaparecido, disse sobre a nossa história e sobre as palavras que a exprimem: dizia que são "sagradas".

### A história

A primeira palavra é "história". A nossa história, a história que vivi. Pensemos na carta da abadessa, que o Carrón nos leu ontem à noite: ela não teria sabido viver o seu presente se não estivesse constantemente a imergir, como se fosse uma espécie de húmus, nas raízes e na história que a levou até onde está agora. Ao ler *Luigi Giussani: a sua vida*, todos esbarrámos naquela afirmação da sua autoria, que Carrón retomou na introdução ao livro de Ronza: «Para mim - dizia *don* Giussani - a história é tudo; aprendi com a história» (*Il movimento di Comunione e Liberazione 1954-1986*, op. cit., p. II). Isto seria suficiente para compreender como regressar ao já que se viveu. Não é como folhear um diário, mas é realmente uma oportunidade de recuperar quem se é, a identidade.

Gostaria de o explicitar com uma citação do Papa Francisco, que numa recente entrevista ao jornal *La Vanguardia*, de Barcelona, falou precisamente sobre o passado e o hoje: «Para mim, a grande revolução [e revolução significa a mudança cuja necessidade o homem sente, a mudança que a sociedade e eu precisamos] é ir às raízes, reconhecê-las e ver o que essas raízes têm a dizer ao dia de hoje. Não há contradição entre ser revolucionário e ir às raízes». O ponto de partida do "revolucionário" autêntico não é uma imagem que tem previamente, mas sim as suas raízes. «Mais ainda - continua o Papa Francisco -, creio que a maneira de fazer verdadeiras mudanças é a identidade. Nunca se pode dar um passo na vida se não começar por trás, se não sei de onde venho, que nome tenho, qual é o meu nome cultural ou religioso" («A grande revolução é ir às raízes», entrevista de H. Cymerman, republicada no *L'Osservatore Romano*, 13 de junho de 2014). É a identidade que tenho que me torna capaz de viver e construir o novo na minha vida e na sociedade a que pertença. É a identidade que vivo que me torna verdadeiramente capaz de contribuir para responder ao desejo que marca a vida de todos.

Apercebi-me que para mim, especificamente, a questão significava apropriar-me - e acrescentaria, finalmente - da vida que vivi. Já pensava nisso quando lia *Luigi Giussani: a sua vida*, e quando prestava atenção a quantas vezes o Carrón recupera passagens da nossa história passada e os juízos com que Giussani nos ajudou a olhá-las e a compreendê-las. O que significa ter vivido uma vida? Guardar um diário com memórias do que se fez? Qual é o sentido de ter vivido uma vida? Que sentido tem, se não representa algo para mim agora? A alternativa seria fazer turismo como as pessoas que andam por aí a passear para depois ter fotografias para mostrar aos amigos. Meu Deus! Não posso reduzir a minha vida às lembranças do que vivi, com ou sem fotografias. Tem de ser alguma coisa que responda agora à pergunta que tenho, como homem, como alguém que está a viver este tempo, esta história; e então, ao pensar também neste meu testemunho de hoje, disse para comigo: «No fim de contas, estou feliz por ter de falar sobre estas coisas, porque esta é provavelmente a ocasião para me apropriar do que já vivi». Esta história é minha, mas só porque é a origem da minha identidade agora. Lembrei-me da imagem que todos conhecemos do *Educar é um risco*, da mochila, da tradição que um jovem recebeu e que coloca diante dos olhos para verificar se e como o ajuda a enfrentar a sua vida; aos 70 anos, ainda é como se tivéssemos que pegar no que nos aconteceu, no que nos foi dado e colocá-lo finalmente diante dos nossos olhos, abrir

a nossa mochila e dizer: «É isto que hoje me faz ser eu próprio?». É bom ter esta pergunta diante dos olhos.

### O início como origem

O segundo ponto que gostaria de abordar é a questão do início, porque nestas entrevistas, bem como no livro sobre a sua vida, refiro-me ao livro de Savorana, *don* Giussani fala precisamente sobre o início da vida do movimento; e é muito bonito porque, pela forma como fala, compreende-se, pelo menos pareceu-me compreender, que ele entende o início como uma origem; não como "pontapé de saída", mas como origem, como fonte viva e permanente, «fonte viva»: lembram-se de São Bernardo, de Dante? E isto é muito importante, para mim foi: compreender como o início em que participamos é para nós a origem de algo que ou é verdadeiro hoje ou então nunca terá começado. O facto de esse início ser meu não se produz por uma longa carreira que se tenha feito, até com algum cargo e responsabilidade; eu participo nesse início, não porque estive lá - apesar de eu lá ter estado, amigos; eu estava lá! Não é por isso que este início é interessante para mim; só é interessante se estiver vivo agora, aliás, de algum modo, se nascer para mim hoje.

Vocês sabem bem como aconteceu este início ou podem ler sobre isso. Gostaria apenas de recordar uma expressão que *don* Giussani usou para o descrever numa entrevista em 1979 – está no suplemento da *Tracce* n. 2/2010 (De que vida nasce Comunhão e Libertação, entrevista a Luigi Giussani, organizado por Giorgio Sarco, maio de 1979) -, quando ele diz que o início que define o que é o CL é a intuição do cristianismo como um acontecimento de vida, "vírgula", como história. E também descreve como lhe aconteceu esse início; é daqui que surge a imagem do início como origem: «Recordar esta intuição a nascer em mim é despertar uma das mais belas memórias da minha vida». E aqui volta a dizer em poucas linhas o que vocês já sabem, já leram no livro de Savorana e noutros textos, mas permitam-me retomá-la: «Uma das mais belas memórias da minha vida», porque esta intuição «rigorosamente [...] floresceu e tornou-se consciente quando li e compreendi pela primeira vez com verdadeira inteligência o início do Evangelho de São João: "O Verbo fez-Se carne". Ainda me lembro de como o meu professor no seminário, o padre Gaetano Corti nos explicava essa passagem, dizendo que a pedra angular da realidade e o centro da vida das pessoas e do mundo se tinha tornado, em Cristo, uma presença encontrável para cada um de nós. Nessa altura eu lia Leopardi com muito

gosto» (De que vida nasce Comunhão e Libertação, op. cit., p. 3), e isto, entre outras coisas, é algo que deixa um certo mundo laico um pouco zangado quando descobre que amamos Leopardi e que até foi um elemento essencial da experiência de *don* Giussani, porque não compreendem que estamos a falar da resposta ao meu problema humano; não é uma das religiões, não é uma das culturas, não é uma associação, provavelmente a melhor. Mas a única coisa que nos interessa é que Cristo seja a resposta à verdade da minha exigência como homem. E então percebe-se porque é que Leopardi foi tão importante na vida de *don* Giussani e que se refira a si mesmo assim: vejam bem, eu que estava ali apaixonado por Leopardi, dominado por esta grandeza, a verdade da pergunta humana que parecia infinita, que parecia não ter resposta e dou por mim diante da resposta! Começou a partir daí. A grandeza da pergunta sobre a minha humanidade que se torna encontrável, que encontra satisfação em Alguém que está vivo. «A Beleza que se fez carne, a Verdade que se fez carne, a Justiça que se fez carne estão entre nós, são o Verbo de Deus, são Jesus Cristo». (ibid., p. 4). O grito supremo do homem como Leopardi o expressou, e como *don* Giussani entendeu essa expressão, encontra aqui plena correspondência.

Uma pessoa dá-se conta no presente que isto é verdade, que este início corresponde à origem de alguma coisa e não apenas ao “pontapé de saída”; todos nós vimos alguns vídeos em que *don* Giussani fala sobre Leopardi e sobre este episódio: pensem nisso por um momento e digam-me se o que ele conta não é a mesma coisa que está a acontecer naquele preciso momento. O início que aconteceu torna-se a origem de algo que acontece. Tendo em conta este início como origem, compreende-se a grandeza da forma muito simples como *don* Giussani relata o nascimento da Gioventù Studentesca (GS) [nt: o grupo de jovens liceais que veio a dar origem a Comunhão e Libertação]: fazer surgir e propor o cristianismo nos seus elementos essenciais. E qual é a essência do cristianismo? «É o anúncio de Cristo: este é o centro de toda a vida do homem e da história [eis o início no seminário de Venegono]. E isto vive-se estando juntos, uns com os outros, vivendo uma vida de comunidade porque Cristo continua na história dentro do sinal da grande comunidade que é a Igreja, e em relação à qual comunidades particulares são uma espécie de mão que acaricia, que não é a pessoa, mas ao mesmo tempo é a pessoa na concretização do seu gesto. [...] Começámos assim: a falar de Cristo” (*Il movimento di Comunione e Liberazione 1954-1986*, op. cit., p.24)

Mas quem era Cristo? Quem é Cristo de quem se começou a falar e que quem encontrava *don* Giussani e aqueles jovens na época, e ao longo da história do movimento, descobriram como a possibilidade de resposta à grandeza, talvez desconhecida, do seu desejo? Por isso, «começámos assim: a falar de Cristo; tentando enfrentar todos os problemas a partir de um ponto de vista cristão, do que nos parecia ser o ponto de vista da palavra de Cristo autenticada pela tradição e pelo magistério eclesiástico" (ibid.). Foi um início muito simples, mas com uma potência assustadora, percebem? Porque Cristo era reconhecido como a resposta à grandeza do desejo que nos constitui e que, de outra forma, seria intratável.

O início tem um significado na minha vida se é uma origem para mim hoje. Giussani recordou-o também em 2002, com uma frase de São Gregório de Nissa: «Nunca faltará espaço para aqueles que correm em direção ao Senhor. [...] Aquele que ascende nunca pára, vai de início em início, segundo inícios que nunca acabam» (cfr. Gregorio di Nissa, Omelie sul Cantico dei Cantici, V e VIII, Città Nuova, Roma 1988, pp. 142,201); e comentou-o assim: «O caminho em que cada um está é um início que nunca termina. Para viver esse caminho, então, a genialidade que domina o espaço é o pedido, que domina os espaços do nosso tempo e os espaços do nosso coração. Esperemos que estes inícios, estas recuperações contínuas nunca cessem» ("Da inizio in inizio", Tracce, n. 10/2002, p. 11).

## O caminho

O terceiro ponto é o caminho, sobre o qual gostaria de sublinhar a grande e permanente preocupação - digo isto num sentido positivo, como quem cuida atenciosamente de um aspeto – que *don* Giussani sempre nos mostrou e que ressurgiu ao percorrer novamente esta história: o livro das entrevistas é inteiramente atravessado pelo apelo contínuo que *don* Giussani faz falando precisamente nos momentos em que o movimento nasce, colapsa, recupera, comete erros, se espalha por todo o mundo, a chamada de atenção «à lealdade e fidelidade à origem». Mas como?! Poder-se-ia pensar: estamos a espalhar-nos por todo o lado, o movimento cresce, toda a gente está contente! No entanto, existe este fio condutor imprescindível: a sua preocupação contínua, mas em relação a quê? Expressa-o em duas linhas, na página 162 do livro de Ronza: «A coisa que mais temo [di-lo num momento de difusão do movimento] é a adesão à proposta de CL vivida de forma rígida e esquemática, ao ponto de impedir a sua função essencial: que consiste em

ser um instrumento para o crescimento da pessoa e para a expressão plena de toda a sua humanidade». É este o apelo! É essa a preocupação! Percebe-se bem que uma preocupação expressa nestes termos não pode ser dirigida a um movimento entendido como organização ou associação: é dirigida a nós, mas no sentido de cada um de nós. Ou o movimento, a minha experiência de movimento é isto ou não tem originalidade - eu ia dizer: não faz sentido. Ou é isto ou é tudo tempo desperdiçado. Para *don* Giussani, o movimento é o instrumento para o crescimento da pessoa e para a expressão plena de toda a sua humanidade.

Pessoalmente, estou convencido de que este é o trabalho em que o padre Julián nos tem guiado com inteligência, com uma constância e uma paixão que me surpreendem sempre. Aí redescubro precisamente a recuperação dessa preocupação constante de *don* Giussani, porque a questão não era dar continuidade, de uma forma ou de outra, à coisa que começou; antes era necessário que cada dia iniciasse novamente para cada um, isto é, que fosse a origem da própria vida, e por isso o seu apelo era contínuo. Não somos uma organização, porque aquilo que encontramos é a possibilidade de sermos nós mesmos, a possibilidade do humano para nós e para todos. Eu achava que esta preocupação tinha a ver sobretudo com o desastre de '68 (sobre o qual depois direi algumas palavras). Mas ao reler estas entrevistas, fiquei realmente surpreendido ao reparar que a preocupação que *don* Giussani tinha manifestado imediatamente após esse momento, tinha permanecido constante durante toda a vida do movimento. E não estou a pensar só nestas entrevistas, mas também em todas as Equipes dos universitários; no fundo, esta é a contínua chamada de atenção que *don* Giussani faz.

E hoje ainda é assim: uma preocupação contínua e premente de que o movimento seja para cada um de nós a própria experiência de viver. O que encontramos, parece-me que posso dizer isto, é verdade, muda-me e pode mudar o mundo se a experiência que eu faço estiver presente aqui e agora, e não se organizar um determinado projeto que é preciso realizar. Se é um ponto de partida pelo qual posso começar agora, ao qual posso recorrer agora. Foi muito importante para mim reparar que esta preocupação tem sido verdadeiramente contínua na nossa história. Por outro lado, foi importante compreender que até uma realidade religiosa forte e bem fundada pode transformar-se num formalismo. Um exemplo? A vida cristã nos anos 50, quando a experiência de GS começou, e a reação que *don* Giussani teve ao captar com extrema clareza que, para muitos cristãos, Cristo se tinha tornado algo que não se assemelhava nem de perto nem

de longe ao que lhe tinham ensinado no seminário. Nem à experiência que fazia. E o que era o cristianismo, a vida cristã nos anos 50, quando eram todos católicos? Algum dos mais velhos talvez ainda se lembre. Vejam como é que *don* Giussani descreve a situação: «O que mais me impressionava era que eram quase todos batizados [eram quase todos “celinos”, digo eu], muitos deles iam à igreja todos os domingos [os *Memores Domini* todas os dias de manhã ou ao fim do dia, digo eu], mas era como se o cristianismo não tivesse espaço ao longo dos seus dias, como se pertencesse a outro nível da existência». Será que este juízo não nos diz respeito? Tentei dar uma vista de olhos ao meu dia, à minha presença em casa. Se mais alguém quiser fazer o mesmo, talvez lhe possa ser útil. «Mas, ao longo do seu dia, era como se o cristianismo não tivesse espaço, como se pertencesse a outro nível da existência. Um nível que não tinha nada a ver com a vida e todas as suas urgências mais significativas; com a conceção e o sentimento da realidade; com a necessidade de ajuizar, de tornar claro o que é que enriquece e faz com que o homem se torne mais humano, e que lhe permite construir a sua personalidade como centro de relações. A fé não tinha nada a ver com todas estas realidades; portanto, na prática, não tinha a ver com nada que fosse efetivamente relevante para a vida da pessoa» (*Il movimento di Comunione e Liberazione* 1954-1986, op. cit., p. 23).

E nós? Provavelmente o risco que *don* Giussani vislumbrou antecipadamente na realidade cristã dos anos 50 poderá ser, em algum aspeto, o risco que nós vivemos agora. Disse isto a alguns amigos: «Pensem bem, eu, “celino” histórico (se no CL existissem senadores, ter-me-iam nomeado senador de certeza), sou *Memor Domini*, rezo as orações quase sempre à hora certa, etc, etc, e ainda assim estas palavras de *don* Giussani são válidas também para mim». E quando percebi isto, não fiquei de rastos, aliás, senti-me quase renovado, porque trata-se de descobrir que se pode recomeçar, que a origem está presente. Por isso reforço a minha sincera gratidão a Carrón, porque – talvez eu tenha percebido mal, mas acho que não, nunca lhe perguntei - na minha opinião, é neste trabalho que ele nos está a guiar.

### Apostar tudo na experiência

Há um quarto ponto a que eu gostaria de dar o seguinte título: apostar tudo na experiência. Não sou eu que invento estes temas, são tudo coisas que retirei do que diz *don* Giussani sobre a experiência e a história do movimento. Falando do início, para ilustrar em que sentido a GS, isto é, o carisma do movimento que começou com essa

forma, apostava tudo na experiência, diz *don* Giussani: «Os jovens de GS foram convidados a apostar na experiência como lugar para verificar adequadamente a validade dos critérios que são propostos por quem se encontra no ambiente que o rodeia. O lugar desta verificação – afirmamos nós - não é tanto a dialética, mas sim a experiência». E o que é a experiência? A «correspondência entre o que é proposto (quer seja um evento ou uma afirmação) e a própria vida, com consciência de si, pois implica exigências e evidências originárias [...]. Por isso, durante esses anos sempre dissemos que a proposta cristã não engana porque assenta inteiramente [lembram-se quando disse: "Durante 50 anos a arriscar tudo na liberdade pura"?] num juízo que nasce da comparação entre ela e as evidências originárias, isto é, as estruturas de necessidade que estão no homem. Mas é verdade que a proposta cristã exige que o interlocutor também não faça batota» (ibid., pp. 31-32).

O movimento sempre apostou tudo na experiência como forma de O conhecer e de verificar, como ouvimos dizer tantas vezes, «a pertinência da fé para as exigências da vida», para a necessidade, para o desejo que constitui a nossa humanidade. E essa aposta total na experiência viria a ser experimentada dramaticamente na vida do movimento pouco tempo depois durante a crise de 1968. Em "A longa marcha da maturidade" (Passos, n. 3/2008, *página um*), *don* Giussani expressa um duplo juízo sobre os acontecimentos de '68. O primeiro é que foram verdadeiros, foram uma agitação, mas que no fundo tinham como origem uma ânsia de libertação; depois acabou como todos sabemos, no terrorismo armado. Mas no início...; tanto que nós, por exemplo em Medicina, tínhamos participado tranquilamente, porque se sentia uma ânsia de verdade, um desejo de estudar e viver de uma forma que correspondesse mais às nossas necessidades e às do mundo. A outra coisa muito poderosa que *don* Giussani diz neste discurso é como ajuizar aquele momento de crise muito pesada vivido pelo movimento: «O momento da história do movimento que hoje nos toca olhar de frente é aquele em que a experiência do Movimento sofreu o maior abanão: Maio de '68. Talvez não seja inútil recordar que, na vida daqueles que Ele chama, Deus não permite que nada aconteça que não seja para a maturidade, para o amadurecimento daqueles que Ele chamou» (p. 1). Como sabem, na agitação de 1968, muitas pessoas do movimento, incluindo os mais inteligentes, como *don* Giussani repetiu tantas vezes – só com isto já percebem que eu não era um desses, porque ainda estou aqui! -, quase todos os chefes da época se foram embora. Porquê? Porque lhes pareceu que a vida do movimento já não era uma resposta à pergunta que tinha explodido em todos. E nós, o que fazíamos?



O *raggio* [nt: encontro semanal de diálogo sobre a atualidade à luz da experiência de GS]?! Tudo bem em ir à missa de manhã, mas e o Vietname? De repente, é como se parecesse que não se podia deixar de participar nesta revolução dentro das universidades.

Muitos, a certa altura, decidiram: «Não, olhem, temos de estar com os que começaram esta ação política, porque esta é a maneira de tornar a nossa experiência verdadeira, senão [oiçam, oiçam!] acaba por ser uma experiência religiosa, na melhor das hipóteses fazemos uma Ação Católica mais renovada...».

Os que se foram embora, foi como se perdessem a evidência do carisma do movimento, tal como *don* Giussani o tinha encontrado e como nós o tínhamos descoberto quando o encontrámos a ele: a resposta ao grito humaníssimo de Leopardi, isto é, do homem. É por isso que aquele período foi uma confusão.

Então '68 foi este abalo. Para mim foi certamente a ocasião da verificação decisiva da minha vida, mas foi também algo que, como já referi, não dizia respeito apenas a esse ano; na verdade, foi o protótipo de como podemos destruir, por causa de um ídolo, a verdade que encontrámos. Um ídolo é algo que atrai, a que é difícil de resistir, tem um encanto, tal como tinha a revolução marxista-leninista naquela época. Não há dúvida de que todos estivemos implicados nisto de alguma forma, mas é um problema permanente para nós. É um problema que também diz respeito ao nosso presente, mesmo que as condições sejam totalmente diferentes.

Porque é que fiquei? Não foi só porque não era dos mais inteligentes, mas talvez tenha sido sobretudo porque aconteceu outra coisa. Eu estava no Liceu Parini, por isso conheci *don* Giussani na GS e não na escola; especialmente naquela altura, as comunidades nas escolas eram uma amizade à prova de bombas atômicas, mas não eram fechadas: uma amizade tal que estendia por todo o mundo. Se alguém me tivesse perguntado na altura: «Se estes teus amigos se fossem embora, o que farias?», eu teria respondido imediatamente: «Iria com eles. Não me importa onde. Vou com eles até ao fim do mundo, aconteça o que acontecer». Até que aconteceu que se foram mesmo embora. Era uma manhã no Dia de Santo Estêvão, a missa era às 9 da manhã no domingo. No fim da missa, alguns começam a dizer-me: "Ouve, a GS já é só uma reedição da Ação Católica... Temos de entrar na política... É mesmo preciso, para reagir... Nós vamos. Vens?». Não sei como, mas tenho de admitir que não tive sequer um microssegundo de incerteza. Respondi que não e também disse porquê: "Por causa do que aprendi ao estar convosco,

do que vi de decisivo para a minha vida e para o mundo». Repito, não sei como aconteceu, o que isto significa, mas, voltando a estas coisas, recupera-se imagens da nossa história que nos permitem compreender um pouco melhor, talvez, o que é a Graça.

Acredito que a minha permanência também tenha dependido do que *don* Giussani sempre definiu como «uma certa simplicidade», que consiste em desejar verdadeiramente, mas de forma decidida, o próprio bem, e ter a certeza de o ter encontrado e reconhecido. Não se fica ali a perguntar: «Mas será verdade? Ou talvez não?». É um encontro de correspondência para a necessidade que sentes, e que já não largas, não te vais embora nem sequer para ir atrás dos antigos amigos. Na verdade, eu nunca os deixei, foram eles que abandonaram o que realmente importava na nossa amizade.

Entre nós, no grupo que ficou na universidade, dissemos uns aos outros com alguma ingenuidade, como quem quer agarrar um ponto de apoio: «Vamos continuar a fazer os gestos que fazíamos dantes, para que o que vivemos dantes possa continuar a ser verdade na nossa vida hoje». Era uma altura em que *don* Giussani não estava muito presente – sobre isto recomendo que leiam *Luigi Giussani: a sua vida*; na minha opinião, não ler este livro é realmente um suicídio! -, mas nós queríamos continuar a seguir porque era assim que tínhamos vivido a belíssima experiência de GS: éramos a coisa mais viva e mais bonita nos liceus dessa altura, com uma incomparável capacidade de responsabilidade, de presença e de expressão. Falo no passado, mas só porque estou a falar desses anos; e percebo que ou é assim agora ou então as recordações não valem a pena. Então, o que fizemos? Começámos a encontrar-nos na universidade, a recuperar certas leituras, a fazer certos gestos e assim por diante, mas acima de tudo - não pensámos nisto ao princípio - começámos a tentar expressar-nos, a dizer aos outros que estávamos lá, a conhecer pessoas. Até que saiu um boletim, concebido para comunicar aos outros que mesmo naquele grande marasmo havia um ponto em que a exigência de libertação não estava menos viva, antes pelo contrário!

O título do boletim era «Comunhão e Libertação». A libertação era a exigência que partilhávamos com todas as pessoas; e o lugar onde nos parecia que a tínhamos encontrado era a comunhão, onde todos poderiam participar. «Comunhão e Libertação» não era, portanto, o nome de um movimento, mas apenas o nome do nosso boletim. Distribuíamos-lo de forma muito criteriosa, mas quando os do Movimento Estudantil o viram, começaram a chamar-nos «os de Comunicação e Libertação», como quem diz, os

estudantes universitários que divulgavam aquele boletim com aquele título, percebendo que a desinfestação das formigas do sótão não tinha tido sucesso, porque ainda andávamos por ali.

Lembro-me que era novembro, estávamos a fazer um encontro com *don* Giussani na sede reconstruída após a confusão; tínhamos pendurado o cabeçalho do boletim na porta da pequena sala usada como secretaria dos universitários e, a certa altura, olhando para ele, *don* Giussani disse: "Cá está! Nós somos o nome que os universitários escolheram, porque comunhão é libertação!", e pôs o ênfase no "é", para nos fazer compreender completamente o significado desse "nomezinho" que tínhamos inventado. Desde então, o movimento passou a usar o nome de Comunhão e Libertação, também começou a reorganizar-se, o fantástico CLU começou a partir daí e por aí fora.

Disse há pouco que em '68 quase todos se foram embora. Giussani resume as duas razões para a sua escolha da seguinte forma: «Eram pessoas altruístas» em quem predominou «o ativismo generoso e o compromisso social» (ibid., p.64). Percebem? Nós fazíamos caritativa na Bassa nos anos 60, mas se uma pessoa percebia o significado desse gesto, como é que poderia cair na rede do marxismo-leninismo? Quer dizer que iam à Bassa como os voluntários de certas ONG! Portanto, eram altruístas inteligentes, continua *don* Giussani, «mas que de facto não tinham assimilado a dimensão religiosa da experiência de GS» (ibid.). O que quer dizer que não tinham assimilado a dimensão religiosa da experiência de GS? Quando li isto, pensei: «Mas é a Escola de Comunidade deste ano!». Aquele capítulo VIII de *Na origem da pretensão cristã*, de *don* Giussani, que providencialmente *don* Julián nos fez recuperar: «Jesus Cristo veio para apontar ao homem a *religiosidade* verdadeira, sem a qual qualquer pretensão de solução é mentira», porque «a religiosidade cristã surge como *única condição do humano*». (Na origem da pretensão cristã, Tenacitas, Coimbra 2012, pp.126, 111)

Nesta altura, apercebi-me que os acontecimentos de '68 não têm culpa; pode-se estar nas garras do leão, como aconteceu com os nossos irmãos nos primeiros tempos do cristianismo, e não ser derrotados nem sequer aí, e não morrer mesmo que nos matem como disse Guareschi: «Eu não morro mesmo que me matem» (G. Guareschi, *Diario clandestino.1943-1945*, Bur Milan, Milão 2004). Portanto, não foi '68, não foi o desastre social que causou esta crise histórica; foi antes a falta de identidade religiosa da nossa experiência humana. Parecia incrível abandonar o fascínio que tínhamos encontrado, mas muitos abandonaram, porquê? Porque não se tinha tornado experiência de vida em

cada um deles. Poderíamos dizer: porque continuava a ser uma intenção. Mas um fascínio que não se torna experiência e permanece apenas como intenção, decai numa espécie de programa, de projeto; e depois de algum tempo, o fascínio esgota-se, é inevitável. Aquele fascínio encontrado não tinha amadurecido na consciência religiosa, não tinha amadurecido ao ponto de se tornar a consciência da sua religiosidade como uma verdadeira dimensão do humano: ser religioso no sentido de que eu dependo, que sou de Outro. Esse fascínio não se tinha tornado uma consciência, mas tinha ficado a pairar; ser religioso era um acrescento, não era entendido como aquilo que revela a verdade do humano. A segunda razão que *don* Giussani apresenta é que «eles não partilhavam incondicionalmente a nossa tese de fundo, ou seja, que o anúncio do Facto cristão é a nascente da libertação» (*Il movimento di Comunione e Liberazione* 1954-1986, op. cit., p. 81), isto é, eles não partilharam o novo início: Comunhão e Libertação. Nós tínhamos encontrado o que os que se foram embora desejavam – e nós desejávamos tanto ou mais que eles! E foi precisamente a experiência de uma satisfação da nossa humanidade que nos fez ficar.

#### O movimento "renasce"

Um quinto ponto que refiro brevemente é o seguinte: o movimento "renasce". O grande renascimento do movimento, o CLU, culmina no grande congresso de 1973, que foi uma coisa enorme: nunca se tinha visto o Palalido tão cheio, com uma participação de uma paixão, de uma sinceridade, de uma beleza que felizmente vemos muitas vezes no movimento, mas que não é tão comum na sociedade. Foi uma espécie de afirmação: nós, que durante '68 e os anos seguintes fomos considerados uma entidade extinta, estamos aqui. *Don* Giussani, como ele próprio relatou, tinha passado a manhã a rezar o Terço, porque estava muito preocupado conosco, porque também podiam surgir episódios violentos, mas acabou por correr tudo de forma muito calma. Mas a preocupação de *don* Giussani, no entanto, permaneceu e repetiu-se porque, dirá ele, o sucesso do congresso no Palalido poderia, «paradoxalmente, [dar] origem a um equívoco» (ibid., p. 169). Mas como? Tens noção como me dediquei, dia e noite? E não só porque eu estava no palco, como agora, a coordenar os trabalhos. Dedicámo-nos todos muito ao congresso! Mas depois de tudo o que fizeste, cheio de sinceridade e de desejo, com a sensação de estar a fazer a coisa certa, como é que se reage a este juízo? Bem, é questão de não nos ofendermos e, em vez disso, percebermos que temos um pai. Eis as palavras de *don*

Giussani: «O sucesso daquele congresso no Palalido, paradoxalmente, deu origem a um equívoco, destinado a exercer durante algum tempo uma influência não inteiramente positiva na vida e no desenvolvimento do movimento» (ibid.). Deus meu! O que fomos fazer!? «No seguimento deste sucesso, de facto, a atividade da liderança de Comunhão e da Libertação começou a estar inteiramente focada em demonstrar e implementar as possíveis valências positivas de uma abordagem de tipo cristão à temática trazida à ribalta pelos acontecimentos de '68. Por outras palavras, o nosso compromisso estava em identificar a especificidade do facto cristão, mas só dentro dos limites de um horizonte predeterminado pelos outros» (ibid.). Isto era completamente verdade, e aí de nós que ficássemos ofendidos porque no fim de uma iniciativa tão esplêndida, tinhas alguém que te dizia - claro, depende de quem for -: «Olha que podemos cometer erros, isto pode não ser suficiente para avançar».

Esta preocupação foi recuperada nos últimos Exercícios da Fraternidade, com uma citação de *don* Giussani que vos leio: «Sem que nos déssemos conta, aconteceu [...] “a passagem de uma matriz para outra matriz [de uma origem para outra origem, de um ponto de origem para outro ponto de origem. O início já não era a origem], minimizando e tornando o mais abstrato possível o discurso e o tipo de experiência em que dantes se participava”. Deste modo, “produziu-se uma redução ou um esvaziamento da espessura histórica do facto cristão, [...] minimizando o alcance histórico”» (L.Giussani, *in* J. Carrón, livrinho dos Exercícios da Fraternidade 2014, “Correndo para O alcançar”, pag. 29)

Para compreender bem porque é que o juízo anterior não dizia respeito apenas aos acontecimentos de '68, assim como isto não dizia apenas respeito ao Palalido de 1973, mas também tem a ver connosco hoje, lembro-me das três consequências que derivam desse desaparecimento do alcance histórico da experiência que fazíamos: «Uma conceção de eficácia do compromisso cristão». Estamos nas páginas 28 e 29 do livrinho dos Exercícios: «Perante a necessidade do mundo, existe a respetiva análise, a teoria para dar resposta, e a resposta segundo esta teoria»; claro, somos muito bons a fazê-lo; mas como se costumava dizer, «etiam etnici...», até os pagãos fazem isso; mas a nós foi-nos dado algo que, «lamento imenso...» - dizia-nos *don* Giussani -, mas é único para ti e para o mundo. Segunda consequência, a mais dura: «A incapacidade [...] em levar a própria experiência cristã até ao nível em que se torna um juízo sistemático e crítico». Como é que se faz? Com um mestrado, um doutoramento? Onde? Em Harvard, Yale,

Stanford...? Não, não, não é a análise dos problemas que te dá as capacidades para construir o novo e o adequado ao humano no mundo; o que te torna capaz disto é viver a tua «experiência cristã ao nível em que se torna um juízo sistemático e crítico e, portanto, uma sugestão de modalidades de ação». Só se for vivida é que a experiência cristã se torna cultura (juízo sistemático e crítico) e juízo para a ação. E a terceira redução também é muito clara e provavelmente atual: «Subvalorização teórica e prática da experiência de autoridade" (ibid.). Talvez isto também tenha a ver comigo hoje, pensei eu. É o problema de alguém que, por muito que diga que obedece e segue, tem-se a si próprio como ponto de partida em vez daquilo que encontrou; não começa por um "antes". Este é o risco que *don* Giussani identifica continuamente na nossa experiência e do qual fala continuamente. Se pensarmos nisso - para mim é completamente verdade - é o risco da nossa experiência de hoje. Quando tiverem oportunidade, recuperem também a intervenção de Carrón sobre a Europa («Europa 2014. É possível um novo início? Passos n.5/2014). É isso! O problema está em a nossa generosidade, a nossa capacidade de entender as necessidades do mundo e a nossa inventividade, o problema é que tudo isto ocupe o lugar da única coisa que, na verdade, me pode tornar inventivo, construtivo, fecundo, capaz de ajudar quem deseja reconhecer o caminho para o seu destino. Só interessa que eu esteja firme nesse caminho, não conta a capacidade de fazer! Em qualquer caso, é exatamente o problema que sinto que estamos a viver, que eu vivi de forma contínua e que o movimento talvez neste momento esteja a viver de uma forma particular.

"Uma irrevogável *distância crítica*"

Não quero ignorar este ponto porque o vejo como uma espécie de homenagem a quem entre nós está mais diretamente envolvido no trabalho social e político. Olhando para esta história, é muito interessante considerar como se tornou sistemático e também institucional este nosso compromisso que, como sabem, tinha começado em meados dos anos 50 com a caritativa na Bassa de Milão. Muitas destas coisas já as terão lido no livro sobre a vida de *don* Giussani, mas o que eu gostaria de salientar com duas ou três frases é a originalidade neste compromisso que iniciámos, onde está o valor, porque a partir daí é possível começar de novo, a partir daí pode recuperar-se, a partir daí tudo se origina.

Ainda hoje está muito presente no movimento aquele *húmus* donde nasceu o compromisso social e político de muitos, tanto que basta andar por aí e deparamo-nos com uma nova humanidade que opera, constrói, trabalha, ensina; é algo que conhecemos bem através da Passos, e também sob mil outras formas somos continuamente testemunhas da possibilidade de construir historicamente, dentro da sociedade em que estamos, realidades de vida nova. Mas qual é a verdadeira origem entre nós deste compromisso com a presença social e política? Recordo-o nas palavras de *don* Giussani: «A multiplicação e dilatação de comunidades cristãs vitais e autênticas só pode determinar o nascimento e o desenvolvimento de um movimento cuja influência na sociedade civil tende inevitavelmente a ser cada vez mais importante; a experiência cristã torna-se assim um dos protagonistas da vida civil» (*Il movimento di Comunione e Liberazione 1954-1986*, op. cit., pp.152-153). Isto é inevitável! Quem não sente a tensão, a vontade e o desejo de que isto aconteça? É inevitável. «Torna-se assim um dos protagonistas da vida civil, em constante diálogo e confronto com todas as outras forças e outras presenças que a constituem». *Don* Giussani também diz: «Se ainda é admissível comparar coisas pequenas com coisas grandes, gostaria de recordar o exemplo do movimento beneditino». No seu discurso por ocasião do centenário de São Bento, o abade-geral dos beneditinos lembrou que esta realidade, nascida como um movimento, chegou mesmo a influenciar «o código da vida civil da época». Como é que isto aconteceu? «Graças à multiplicação, a centenas e milhares das suas comunidades de oração e trabalho, ao redor das quais a própria vida civil voltava a unir-se e recuperava consistência" (*ibid.*, p.153). Então, este é o primeiro dos elementos daquele *húmus*, daquela consciência, daquela perspectiva que originou tantas iniciativas de presença social.

E um segundo elemento que historicamente esteve no início desta tentativa é o trabalho, a necessidade do trabalho como aspeto essencial da dignidade humana. Uma pergunta que Ronza dirige a *don* Giussani é a seguinte: «Depois da liberdade de educação, o que vem imediatamente a seguir [como promoção e desenvolvimento de obras sociais]?». *Don* Giussani responde: «Não vem a seguir, tem o mesmíssimo grau de urgência. É a liberdade de trabalhar ou a luta contra o desemprego. Não podemos facilmente render-nos ao facto de a reorganização da economia se realizar hoje à custa do emprego». Ouvi dizer isto também recentemente, graças a Deus. «É preciso fazer, é preciso estudar incansavelmente para encontrar uma saída para este estado das coisas [...]. Sem ficar à espera que o mundo mude, podemos começar a mudar algo juntos» (*ibid.*, pp. 219-220).

Como recorda constantemente Vittadini, este foi o ponto de partida do nosso compromisso social mais concreto: esta paixão pela possibilidade de o ser humano se poder expressar até ao fim, e não por um projeto mais limitado ou restrito que isto.

*Don Giussani* faz, pois, duas observações sobre a questão política, após a referência aos beneditinos e ao trabalho como origem de uma presença na sociedade. Como poderão ler em *Luigi Giussani: a sua vida*, é interessante notar que a nossa presença política começou com um gesto de obediência, e é muito importante lembrar isto. Foram os bispos italianos, em 1974, que chamaram os católicos para se empenharem num referendo contra a lei sobre o divórcio em Itália. Entre a miríade de siglas católicas apenas uma respondeu, adivinhem qual? Só uma. Apesar de termos uma percepção clara de que seria um passo não só inútil, mas talvez até errado, devido ao contexto social profundamente alterado, respondemos obedecendo até ao fim, comprometendo-nos de alma e coração, como se costuma dizer, e no ano seguinte, em 1975, obedecemos novamente por ocasião das eleições políticas, etc, etc... *Don Giussani* nestas entrevistas fala muito clara e diretamente sobre o compromisso político: e fala de uma «distância» que existe entre CL e quem está diretamente envolvido em atividades políticas: na verdadeira militância política «já não é a comunidade como tal que se envolve, mas são as pessoas que, à sua responsabilidade, e ainda que sejam formadas pela vida concreta da própria comunidade, estão empenhadas na procura de instrumentos ulteriores de incidência política, tanto teóricos como práticos». E especifica: "A militância política das pessoas que aderem a CL e todas as escolhas individuais que dela derivam, são fruto de um juízo e de uma responsabilidade que são eminentemente pessoais». Por essa razão, «há entre todos nós, enquanto CL, e os nossos amigos envolvidos [na política], uma *distância crítica* irrevogável» (ibid., p.155). Mencionei este aspeto acima de tudo para eliminar um mal-entendido que também poderia existir na minha compreensão das coisas, reconheci-o em mim e comunico-o a vocês: esta distância crítica, à qual - diz *don Giussani* - «nunca renunciaremos», de onde nasce? Desejamos que estes amigos vivam a pertença ao fazer as suas escolhas, e é óbvio que, neste aspeto, os apoiaremos: a distância crítica irrevogável não deve ser entendida no sentido de que não queremos saber, que se mantenham afastados, mas sim no sentido - pelo menos assim o entendi - de a construção do movimento como tal não poder, em caso algum, coincidir com uma escolha de tipo político. O movimento deve manter a sua identidade, não devemos dar aos nossos amigos, ainda que apoiemos com todo o coração e com toda a nossa força, uma delegação de poderes de representação do rosto do movimento. A presença de CL



na sociedade é outra coisa e este é o significado da distância crítica irrevogável. Ai de nós que transmitíssemos um tom, de alguma forma, de inimizade que não existe. E ai também de nós, ai de mim com tudo o que faço no meu trabalho, ai de ti com tudo o que fazes no teu, se pensássemos que podíamos contribuir para a vida dos nossos irmãos sem viver nessa experiência concreta o que o movimento é para a nossa pessoa.

Em *Luigi Giussani: a sua vida* pode ler-se o modo com que *don* Giussani já expressa plenamente a sua visão sobre toda esta dinâmica. É o parágrafo dedicado ao início, em 1966, da editora JacaBook, a primeira empresa nascida autonomamente entre pessoas do movimento, que no entanto não é uma realidade do movimento (cf. A. Savorana, *Luigi Giussani: a sua vida*, Tenacitas, Coimbra, 2017, pag.389).

Então também se compreende o significado da carta de Carrón ao *La Repubblica* de 1 de maio de 2012, que também suscitou perplexidade e dúvida em tantas pessoas. Mas vamos tentar compreendê-lo, reli-o neste enquadramento e penso que o compreendi um pouco melhor: a carta não acusa ninguém, aliás, para mim o ponto mais agudo está na referência a talvez não termos dado o adequado testemunho aos nossos amigos; e nem sequer é um truque para sair da situação complicada em que se estava. Reli-o como o ressurgimento da preocupação de *don* Giussani que - como referi - percorreu toda a vida do movimento, e à qual não nos devemos opor, ou seja, que não se perca a origem como o ponto de partida para viver as nossas vidas, para fazermos as nossas tentativas e construir aquilo que somos chamados a construir na sociedade.

O seguimento, hoje

Num dos encontros que fiz no verão, pediram-me que especificasse, nesta recuperação da nossa história, o que eu tinha compreendido em relação ao seguimento e especificamente ao seguimento no presente, tendo em conta as situações que vivi de grande dificuldade para o movimento. A pergunta fez-me pensar que naquela passagem de 1968, no fundo, voltámos a juntar-nos para retomar os mesmos gestos que tínhamos experimentado antes no movimento, na beleza e grandeza em que tínhamos experimentado, exatamente por essa razão: para não inventarmos nós o que fazer, mas sim porque seguimos algo que veio antes. Não percebi isto imediatamente. A questão surgiu quando, ao entrar nos *Memoires Domini*, ouvi a definição que *don* Giussani deu desta companhia, que se aplica a todo o movimento: "Uma companhia guiada para o

destino". Então, a companhia é para o destino, e eu devo estar presente porque o destino é meu. E na companhia este caminho torna-se possível não por causa da união das nossas forças, mas porque existe quem guia, alguém que vem antes. Até a nossa tentativa de recuperação pós-68 provavelmente continha, assim, ingenuamente, ligeiramente amarfanhada (mas felizmente foi suficiente) precisamente esta necessidade: que seguir tinha de ser uma coisa real. Não uma intenção, mas uma coisa real! Vem-me à cabeça outra afirmação de *don* Giussani, que me parece muito importante a este respeito. Foi o Carlo Wolfsgruber que se lembrou há não muito tempo. Numa certa circunstância, *don* Giussani tinha-lhe dito, com uma expressão, na minha opinião, belíssima, que pelo menos a mim me fascinou e já nunca mais me saiu da cabeça: «O que se sabe ou o que se tem torna-se experiência se aquilo que se souber ou se tiver for algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora» (*Luigi Giussani: a sua vida*, Tenacitas, op. cit., p.875).

Percebem? Para compreender quão concreto é seguir ou para perceber o que significa seguir, é necessário que isso aconteça diante de uma presença que tenha a consistência de «uma mão que to oferece agora». Por fim, a chegada de Carrón foi uma experiência muito importante para mim neste ponto. Eu tinha relativamente claro que ele era a pessoa, o sacerdote por quem *don* Giussani nos últimos cinco anos da sua vida tinha feito de tudo para vir para Itália e assumir a responsabilidade do movimento. Foi, portanto, óbvio para mim que fosse ele a assumir essa posição, depois confirmada pela nossa diaconia, pelos Bispos, pelo Papa. No entanto, ele podia ser recebido simplesmente como o novo chefe, pensando: «Correu bem», ou «correu mal». Em vez disso, neste caso, eu talvez também tenha tido sorte: quando comecei a participar nos primeiros encontros com ele, apercebi-me de que aquele vício, aquele perigo que *don* Giussani assinalava sempre, ainda estava presente em mim e talvez no movimento. E, de facto, na primeira ocasião de intervenção que tive, disse: "Olha, não sei como, mas percebi que existe o risco de que eu, com tudo o que fiz em cinquenta e tal anos de movimento (porque fiz muitas coisas, talvez até algumas boas), talvez tenha de começar agora a perceber o que significa obedecer». O vício estava precisamente na forma como se seguia e percebi isto diante da sua insistência na questão de o movimento ser para nós a experiência da vida! Não a coisa que nos ocupava a vida e o dia, mas a experiência da vida! E então esta pergunta abriu-se dentro de mim e está longe de me aniquilar. Pelo contrário, encorajou-me de alguma maneira: «Tenho de aprender uma obediência que talvez, na sua pureza, ou seja, na sua totalidade, nunca tive».

Reparem que é possível não saborear a beleza do que encontramos. Infelizmente é possível pensar que Cristo é um grande homem, mas que não se pode viver assim. E, em vez disso, como nos disse *don* Giussani, é possível que se torne realmente uma experiência, mesmo que não tenha sequer um minuto para dedicar às reuniões do movimento; há uma presença na tua vida que basta o *Angelus* para realçar, que basta a mente para se lembrar que é concreta, desde que a cabeça esteja ligada ao coração. Creio que Carrón está exatamente, da maneira que lhe é dada, a fazer-nos a mesma proposta, está a tentar dar-nos a mesma ajuda sobre a qual *don* Giussani tanto insistiu, como vemos agora ao reler os livros, mas como eu e muitos de nós vimos diretamente: que o movimento é a possibilidade de uma vida plena, cheia de gosto e talvez cheio de dor, mas cheio de verdade e gosto, como muitos de nós testemunham.

Este apelo, se pensarmos bem, está resumido numa citação de três linhas de *don* Giussani que se encontra na introdução dos Exercícios - que eu tinha lido como toda a gente, mas acho que só a compreendi a determinada altura -: a referência ao facto de uma presença ser original porque tem Quem a gera, que uma presença original é originada. Como é que se faz para ser no mundo esta presença que todos esperam, como é que nos tornamos uma presença original e não reativa? «Uma presença - diz *don* Giussani - é original quando brota da consciência da própria identidade [lembram-se da referência ao Papa Francisco e à história que fiz no início?] e da afeição a ela, e nisso encontra a sua consistência" (L. Giussani em J. Carrón, "Correndo para O alcançar", op. cit., p. 5). Portanto, tudo se joga na afeição, hoje, ao que encontramos, que nos revelou a nós próprios e que nos pode dar consistência no mundo: daqui nasce aquela figura humana descrita por uma das incomparáveis expressões de *don* Giussani, e da qual eu gosto particularmente porque fala do dia: «Para o cristão [ou seja, para o homem original], não existe a banalidade na vida de todos os dias [não existe!]. Todo o impacto [até a coisa mais previsível, menos fascinante] é um *kairós* divino [é a Providência, diria Alessandro Manzoni], e nenhuma dificuldade é inútil, por mais desconhecida ou ignorada que seja» (*Il movimento di Comunione e Liberazione 1954-1986*, op. cit., p.183).

É preciso a simplicidade inicial do encontro, que é a forma de dizer "Graça". Mas - há um mas - o que te aconteceu, acontece hoje se estiveres presente! O padre Julián sublinhou-o recentemente recordando quando, na tempestade do Lago da Galileia, os discípulos dizem: «Esquecemo-nos de trazer comida», e Ele: «Mas ainda não

compreenderam? O importante é que Eu esteja presente. Já não resolvemos a questão do pão noutras ocasiões?» Se já vivemos, talvez até amadurecendo um pouco, os acontecimentos de 68, podem vir os de 69, os de 70, os de 8.016, os de 23.418: se Ele está presente, o importante é que eu esteja propenso a reconhecê-Lo, que eu esteja em tensão para O seguir. Ao início, pode não se compreender que este é um trabalho necessário; mas depois torna-se indispensável que estejas presente, com a memória da Sua presença, que não é só a recordação do que te aconteceu no início, mas também o facto de O reconheceres agora! É esse o objetivo. E isto não é uma complicação: é um trabalho! E o trabalho - como *don* Giussani sempre nos disse, como todos os Papas sempre nos disseram e como o Papa Francisco repetiu há pouco tempo - é algo que dá dignidade à vida. Então, se há um trabalho a fazer, fiquemos contentes por isso!

Obrigado.